

AS REPRESENTAÇÕES DA CULTURA DO NARCISISMO EM 'O GRANDE GATSBY' DE F. SCOTT FITZGERALD

Gustavo Augusto Andrade de Oliveira

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

E-mail: gustavo_andradeoliveira@outlook.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2065-2933>

Resumo: Em 1925, o renomado escritor estadunidense Francis Scott Fitzgerald publicou *O grande Gatsby*, obra que se consolidou como um clássico da literatura dos Estados Unidos da América. Apropriando-se do seu próprio contexto, Fitzgerald demonstra a vida cotidiana e os valores dos cidadãos de Nova Iorque na década de 1920, criticando o materialismo desenfreado e expondo a obsessão da sociedade pelas aparências. Como cada época da História da Humanidade expressa características de adoecimentos – psicológicas e sociológicas – na estrutura da organização social, o romance *O grande Gatsby* captura o narcisismo como fenômeno social. Assim, sob a perspectiva da análise social, definiu-se como objetivo analisar as representações da cultura do narcisismo em *O grande Gatsby* de F. Scott Fitzgerald. Por fim, observou-se que os principais personagens – Gatsby, Daisy, Tom, Myrtle, Jordan e Nick – representam, em diferentes níveis, a cultura do narcisismo naquela sociedade, além de constatar a relação mútua entre capitalismo e narcisismo, que fomenta as sociedades do consumo e do espetáculo representadas no romance.

Palavras-chave: Cultura do narcisismo; O grande Gatsby; Cidade de Nova Iorque; Capitalismo; Análise social.

THE REPRESENTATIONS OF THE CULTURE OF NARCISSISM IN F. SCOTT FITZGERALD'S 'THE GREAT GATSBY'

Abstract: In 1925, the renowned American writer Francis Scott Fitzgerald published *The Great Gatsby*, a work that became a classic of American literature. Drawing from his own context, Fitzgerald portrays the daily life and values of New York City residents in the 1920s, criticizing rampant materialism and exposing society's obsession with appearances. As each era in human history reflects psychological and sociological forms of social illness, the novel *The Great Gatsby* captures narcissism as a social phenomenon. Thus, from the perspective of social analysis, the objective was to examine the representations of the culture of narcissism in *The Great Gatsby* by F. Scott Fitzgerald. Finally, it was

observed that the main characters—Gatsby, Daisy, Tom, Myrtle, Jordan, and Nick—represent, at different levels, the culture of narcissism in that society, while also revealing the mutual relationship between capitalism and narcissism, which fuels consumer and spectacle-driven societies portrayed in the novel.

Keywords: Culture of narcissism; The great Gatsby; New York City; Capitalism; Social analysis.

LAS REPRESENTACIONES DE LA CULTURA DEL NARCISISMO EN "EL GRAN GATSBY" DE F. SCOTT FITZGERALD

Resumen: En 1925, el renombrado escritor estadounidense Francis Scott Fitzgerald publicó *El gran Gatsby*, una obra que se consolidó como un clásico de la literatura de los Estados Unidos. Apropriadamente de su propio contexto, Fitzgerald retrata la vida cotidiana y los valores de los habitantes de la ciudad de Nueva York en la década de 1920, criticando el materialismo desenfrenado y exponiendo la obsesión de la sociedad por las apariencias. Así como cada época de la historia de la humanidad refleja características de enfermedades –psicológicas y sociológicas– dentro de la estructura de la organización social, la novela *El gran Gatsby* captura el narcisismo como un fenómeno social. De este modo, desde la perspectiva del análisis social, se definió como objetivo analizar las representaciones de la cultura del narcisismo en *El gran Gatsby* de F. Scott Fitzgerald. Por último, se observó que los personajes principales—Gatsby, Daisy, Tom, Myrtle, Jordan y Nick—representan, en distintos niveles, la cultura del narcisismo en esa sociedad, además de evidenciar la relación mutua entre el capitalismo y el narcisismo, que alimenta las sociedades de consumo y espectáculo representadas en la novela.

Palabras clave: Cultura del narcisismo; El gran Gatsby; Ciudad de Nueva York; Capitalismo; Análisis social.

INTRODUÇÃO

Entre os marcos temporais da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da Grande Depressão (1929), o escritor estadunidense Francis Scott Fitzgerald publicou, em 1925, seu terceiro romance, *O grande Gatsby*, que se estabeleceria como um clássico da literatura, assegurando-lhe uma posição de destaque no cânone americano. A obra concentra-se na relação romântica entre Jay Gatsby e Daisy Buchanan, narrada por Nick Carraway, mas vai além ao demonstrar uma atenção minuciosa ao contexto de Nova Iorque na década de 1920, integrando os movimentos sociais e políticos



predominantes do período (Ribeiro, 1987). Como um documento representativo da realidade, a obra não apenas contextualiza a Era do Jazz, mas também descreve com vivacidade o cenário das grandes metrópoles e revela a superficialidade da sociedade dos anos vinte. Esse quadro, marcado por excessos e contrastes, reflete um individualismo exacerbado, no qual a ilusão e a busca por escapar do convencional se tornaram traços definidores de uma época de inquietação e transformações (Ribeiro, 1983).

Considerando que cada época da História da Humanidade expressa características de adoecimentos psicológicos e sociológicos na estrutura da organização social, *O grande Gatsby* captura o narcisismo como fenômeno social imposto ao indivíduo moderno que, antes de ser narcisista, é um indivíduo *violentado* pelo capitalismo (Freire-Costa, 1986). Essa imposição pode ser observada no comportamento da primeira geração de adolescentes do pós-guerra nos Estados Unidos da América, que já não espelhava os valores das gerações anteriores. Ao contrário, mostrava-se perdida e apática, enquanto buscava incessantemente o prazer e a diversão (Ribeiro, 1987). Por definição, a cultura do narcisismo – ou o narcisismo como fenômeno social – compreende um sintoma de uma sociedade em crise, caracterizada pela busca constante por validação externa, autoafirmação e individualismo, resultando na fragmentação social e no enfraquecimento dos laços comunitários (Lasch, 2023).

Dado que qualquer realidade social, ao ser transportada para a literatura e filtrada pela subjetividade do autor, aparece transformada em suas representações literárias, empregou-se, nesta discussão, a perspectiva da análise social, que se interessa pelas construções de representações ou imagens, seja de um grupo, de uma cidade ou de uma época específica (Andrade, 2000). Nesse sentido, considerou-se aqui a capacidade da literatura de produzir um conhecimento criativo que nenhuma ciência

é capaz de gerar (Fuentes, 2007). A compreensão do *zeitgeist*¹ no qual o romance foi concebido permite sua releitura nos dias atuais, embasando o objetivo desta discussão: analisar as representações da cultura do narcisismo em *O grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald.

Esta discussão está estruturada em quatro seções: a primeira, 'Aspectos psicossociais da cidade moderna', aborda o impacto da modernidade na cidade grande – metrópole – e suas repercussões socioespaciais; a segunda, 'Cultura do narcisismo na cidade grande', relaciona o cotidiano das metrópoles ao narcisismo como fenômeno social; e a terceira, 'O grande Gatsby (1925)', em que o romance modernista é analisado dentro de quatro subseções que acompanham o desenvolvimento da narrativa, dialogando com os temas das seções anteriores. Para finalizar, as considerações finais retratam a relação simbiótica entre capitalismo e narcisismo como elemento fundamental para o surgimento das sociedades de consumo e do espetáculo, tal como representadas no romance de F. Scott Fitzgerald, ampliando a concepção do narcisismo, deslocando-o de uma condição meramente individual para uma característica coletiva da sociedade.

ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA CIDADE MODERNA

As cidades convidam os múltiplos saberes das Ciências Humanas – antropologia urbana, sociologia urbana, geografia urbana, história das cidades e/ou urbanismo – para a análise das formas e dos conteúdos que as caracterizam. Compreendida como um objeto de contemplação tão presente nas artes e como um objeto de análise tão explorável pelas ciências, o estudo da cidade torna-se uma atividade repleta de possibilidades (Barros, 2011). Com isso em mente, empreendeu-se, nesta seção, um esforço interdisciplinar de estudos sobre a cidade, utilizando

¹ Expressão que se refere ao espírito predominante de uma época, abrangendo as ideias, valores e atitudes compartilhados pela sociedade em um determinado momento histórico.



conhecimentos das Ciências Humanas para explorar as repercussões socioespaciais da cidade moderna ocidental e para compreender a interação entre a psique humana e a sociedade urbano-industrial.

Como uma expressão da atividade humana, a cidade, em constante evolução, assume formas e conteúdos diversos ao longo do tempo. Ela ganha “[...] materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas” (Carlos, 2005, p. 56). A cidade moderna, especialmente no hemisfério ocidental, está associada ao crescimento das cidades grandes, as quais estão atreladas ao “[...] aparecimento da tecnologia moderna da máquina automotriz, da produção em massa e da empresa capitalista” (Wirth, 1973, p. 96). Nesse sentido, a cidade moderna pode ser compreendida como uma continuidade de outras cidades de épocas anteriores, que passaram por transformações, destruições e/ou reconstruções, diferenciando-se por servir como cidade-suporte para o desenvolvimento da ordem econômica capitalista (Sposito, 2014).

Com a concentração da população nas cidades grandes no século XIX, a cidade moderna se tornou o epicentro do mundo, irradiando ideias e práticas que moldaram o que chamamos de civilização² (Santos, 2012). Tal como assinalado pelo sociólogo Robert Park (1973, p. 27), a cidade é considerada “[...] o habitat natural do homem civilizado”. Marca-se, então, uma nova era na História da Humanidade, impulsionada pelo desenvolvimento tecnológico nos setores de transporte e de comunicação, que acentuou o papel das cidades como protagonistas na civilização ocidental moderna e estendeu significativamente seu modo de vida para além dos limites da própria cidade (Wirth, 1973). Esse contexto não apenas representa o domínio humano sobre a natureza, mas também introduz novas forças e novos valores culturais na sociedade, gerando formas e conteúdos complexos (Carlos, 2005).

² O termo civilização designa a inteira soma das realizações e das instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, tendo dois propósitos: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si (Freud, 2011).



As influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem são maiores do que poderia indicar a proporção da população urbana, pois a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo (Wirth, 1973, p. 90-91).

A cidade moderna, especialmente a metrópole, é descrita como “[...] a expressão de maior domínio da natureza pelo homem e das condições artificiais (fabricadas) de vida”, o que, por sua vez, provoca o afastamento do indivíduo de sua natureza orgânica (Bresciani, 1984/85, p. 39). Ela funciona vinte e quatro horas por dia, independentemente das condições climáticas, físicas ou biológicas, moldando uma sociedade cujas atividades são ditadas pelo relógio (Carlos, 2005). Esse modelo de sociedade surge do processo de industrialização, que invade e transforma a realidade urbana anterior, resultando na predominância das trocas comerciais, da mercantilização, do dinheiro e do capital (Sorbazo, 2010). A influência da indústria é profunda tanto na configuração urbana quanto na percepção do tempo pela sociedade, cujo ritmo é determinado pelo movimento das máquinas (Sposito, 2014).

Para Georg Simmel, um dos precursores da sociologia urbana, a cidade grande pode ser compreendida como a expressão da perplexidade, do desconhecido e das rápidas transformações – um ambiente constantemente em metamorfose (Leitão, 2011). Essa incessante transformação leva à perda dos *referenciais da vida urbana*³, causando estranhamento, angústia e solidão entre os habitantes (Carlos, 2001). “As sensações de continuidade, permanência e conexão com o mundo ao nosso redor parecem cada vez mais distantes” (Lasch, 2023, p. 376). A cidade grande se torna um espaço de desenraizamento, simbolizando a perda dos referenciais da vida urbana que

³ Elementos que compõem e caracterizam a experiência vivida na cidade, considerando a dimensão material, as práticas cotidianas, os discursos e as representações que constroem a identidade urbana (Carlos, 2001).

caracterizam a experiência humana e que desafiam a ideia de uma ordem perfeita e harmoniosa, tanto na estrutura arquitetônica quanto nos laços sociais.

Embora o contexto socio-histórico de Simmel fosse avesso aos dados subjetivos e a organização do psiquismo humano na cidade, sua contribuição se entrelaça aos aspectos psicossociais da cidade moderna (Leitão, 2011). Na perspectiva *simmeliana*, o indivíduo moderno adota o caráter intelectualista da vida anímica, reagindo não com ânimo, mas com entendimento contra as coações da cidade grande – produto da economia monetária – que ameaçam sua vida subjetiva e que provocam seu desenraizamento do meio externo (Simmel, 1973). “Em termos psíquicos, a cidade de Simmel é, pois, um ambiente socioespacial onde o sujeito parece não se reconhecer, onde o sentimento de origem, de pertencimento, se esvai desorganizando o indivíduo [...]” (Leitão, 2011, p. 465).

É seguro afirmar que a cidade grande produz culturas, comportamentos e valores específicos que contrastam com os da cidade pequena e do campo, os quais oferecem “[...] um ambiente acolhedor, como o espaço das relações afetivas, pautados pela sensibilidade [...]” (Leitão, 2011, p. 465). Para Simmel (1973), o comportamento *blasé* é o mais característico do indivíduo moderno na cidade grande, indicando sua incapacidade de reação adequada frente aos estímulos e às experiências do meio externo, mas que, ao mesmo tempo, corresponde a uma estratégia de adaptação e de autoconservação. No entanto, ao desvincular-se das reações ao excesso de estímulos, os indivíduos são levados à insensibilidade emocional ou à falta de interesse, inclusive em relação aos aspectos humanos essenciais, como o afeto (Leitão, 2011).

Os traços característicos do modo de vida urbano têm sido descritos sociologicamente como consistindo na substituição de contatos primários por secundários, no enfraquecimento dos laços de parentesco e no declínio do significado social da família, no desaparecimento da vizinhança e na corrosão da base tradicional da solidariedade social (Wirth, 1973, p. 109).



Em nenhum lugar, a solidão e o abandono são tão intensos como exatamente na multidão da cidade grande (Simmel, 1973). A indiferença e o isolamento do indivíduo na cidade grande “[...] são tanto mais repugnantes e ofensivos quanto maior é o número de indivíduos confinados num espaço reduzido” (Carlos, 2005, p. 20). Esse quadro de vida é resultado do processo de acomodação das formas e dos conteúdos da cidade moderna, os quais caracterizam sua morfologia material e sua morfologia social. A guisa de fechamento, compreende-se que a cidade não é apenas um mecanismo físico ou uma construção artificial; ao contrário, ela está profundamente envolvida nos processos vitais dos indivíduos que a compõem, representando um produto da natureza, principalmente da natureza humana (Park, 1973).

CULTURA DO NARCISISMO NA CIDADE GRANDE

Mais do que em qualquer lugar, os laços sociais na cidade grande tendem a ser impessoais e racionais, sendo definidos em termos de interesse e de dinheiro, tornando-a um real laboratório para a investigação do comportamento coletivo (Park, 1973). Cada vez mais, reflete-se o fato de que, dentro ou fora da fábrica, o mundo dos seres humanos passou a ser o mundo das *coisas* e da mercadoria (Carlos, 2005). Esses são os valores culturais característicos da sociedade urbano-industrial na cidade grande, concebendo uma cultura do narcisismo na qual toda atividade e todo relacionamento são moldados pela necessidade hedonista de adquirir os símbolos de riqueza e de *status* (Lasch, 2023). Assim, o indivíduo “[...] passa a ser visto, avaliado e respeitado a partir de uma aparência produzida” (Carlos, 2005, p. 21).

O narcisismo como fenômeno social, “[...] além de dar proeminência aos narcisistas, provoca e reforça traços narcísicos em todos nós”, estimula características como egoísmo, exaltação do eu, senso de privilégio, ausência de empatia e necessidade de admiração (Lasch, 2023, p. 355). Esse quadro abrange tanto a dependência excessiva



quanto o desrespeito em relação aos outros, especialmente quando estes não estão alinhados às expectativas narcísicas estabelecidas pela cultura (Solonar, 2020). O tecido social na cidade grande tende à fragmentação e aos comportamentos de indiferença ou competição exacerbada entre indivíduos, que desenvolvem “[...] um espírito de concorrência, engrandecimento e exploração mútua” (Wirth, 1973, p. 104). Dessa forma, o mundo exterior passa a ser percebido como um espelho do próprio eu, no qual cada um tem suas necessidades e seus desejos projetados acima dos outros (González Duro, 1992/92).

Com a atomização dos laços sociais e a perda de interesse pelos outros, condições estimuladas no modo de vida urbano-industrial, o indivíduo se sente frágil e vulnerável diante da intensificação da vida nervosa na cidade grande (Simmel, 1973). O enfraquecimento dos laços sociais é uma resposta defensiva à hostilidade social, configurando uma estratégia narcísica para proteger-se da vulnerabilidade gerada pela dependência interpessoal (Lasch, 2023). Assim, compartilhando o sentimento de impotência e a atitude de apatia, os indivíduos da cidade grande refugiam-se na intimidade da vida privada, uma vez que não conseguem obter a tranquilidade, a segurança e o calor humano desejados na vida pública (González Duro, 1992/93). “[...] o culto da intimidade não é resultado da afirmação da personalidade, mas de seu colapso” (Lasch, 2023, p. 89).

Paralelamente ao movimento de refúgio, um contínuo processo de sedução – quase hipnótico – ocorre no seio das relações sociais entre coisas⁴, estimulando os indivíduos a buscarem os prazeres instantâneos e a felicidade compulsiva, que na realidade é “[...] inconsistente, vazia e eternamente renovável e renovada” (González Duro, 1992/93, p. 7, tradução minha). A economia capitalista moderna gerou um novo tipo de *ethos* que, ilusoriamente, ampara as ansiedades e as frustrações da sociedade

⁴ As relações sociais entre coisas implicam a transformação das relações sociais entre pessoas em relações materiais entre mercadorias produzidas, destacando a alienação e a obscuridade das relações sociais no sistema capitalista (Jappe, 2020).

urbano-industrial: o consumismo, voltado para os valores hedonistas e os comportamentos lúdicos, incentivando cada vez mais o consumo de produtos e de serviços em busca de auto-realização e de felicidade (Harari, 2020). Com efeito, o narcisismo tornou-se um traço culturalmente aceito e, até mesmo, institucionalizado na sociedade capitalista moderna (Freire-Costa, 1986).

Nessa perspectiva, a única opção de sobrevivência para a maioria da população é a fuga, a recusa a qualquer compromisso emocional, a rejeição de participar de qualquer forma de vida coletiva e até mesmo de iniciativas de intercâmbio. Essa atitude de sobrevivência muitas vezes implica na vitimização: sentindo-se vítima de um mundo que não controla nem domina, o indivíduo pode evitar tranquilamente qualquer responsabilidade social ou pública, focando em seus próprios interesses e buscando seu bem-estar, desconsiderando os outros, agredindo-os ou se defendendo deles conforme suas capacidades e forças. E à medida que alcança uma posição confortável, acreditará estar feliz de acordo com a lógica do consumo (González Duro, 1992/93, p. 9, tradução minha).

O comportamento de refúgio na cidade grande assemelha-se ao conceito de narcisismo na teoria do desenvolvimento psicosssexual de Freud (1914/2010), que consiste na indistinção entre o eu e o mundo circundante, ou seja, na tendência de perceber o mundo externo apenas como projeção e extensão do eu. O narcisismo, que faz parte da constituição do eu de todos os indivíduos durante a infância, passa por dois estágios: o primário, em que a criança recém-nascida não distingue claramente o eu do mundo, sendo atendida imediatamente pela mãe em suas necessidades, o que fortalece sua sensação de onipotência; e o secundário, em que a criança renuncia a essa sensação ao reconhecer o mundo externo, diferenciando o eu dos outros objetos e compreendendo que suas necessidades nem sempre são atendidas, o que a conduz ao desenvolvimento de relações objetais que garantem satisfações limitadas, porém reais (Freud, 1914/2010). Entretanto, se este estágio não for bem-sucedido e a criança não se convencer da presença real de um mundo externo, ela passa a colocar tudo e todos ao seu serviço, *refugiando-se* em si mesma e culminando em traços patológicos na fase adulta (Holmes, 2005).



Ensimesmado, o narcisista patológico experimenta sentimentos intensos de vazio e inautenticidade. Embora possa funcionar cotidianamente e agradar indivíduos frequentemente, sua desvalorização para com os outros, somada à falta de curiosidade sobre eles, empobrece sua vida pessoal e intensifica sua experiência subjetiva de vazio. Desprovido de qualquer envolvimento intelectual verdadeiro com o mundo, ele apresenta uma capacidade limitada de sublimação, dependendo de constantes injeções de aprovação e de admiração externas, contradizendo a crença de autossuficiência⁵ atribuída à personalidade narcisista. Pelo contrário, ele mostra-se extremamente dependente do outro, buscando incessantemente uma intimidade instantânea, notavelmente marcada por comportamentos promíscuos e, muitas vezes, pansexuais. Em outras palavras, a habilidade de desfrutar da vida está lamentavelmente além das capacidades do narcisista patológico (Lasch, 2023).

Retomando o narcisismo como um fenômeno social, continuemos o estreitamento entre os indivíduos na cidade grande e os traços psicopatogênicos do narcisismo. À medida que o cotidiano na cidade grande se transforma tão rapidamente quanto a própria cidade, a psique dos indivíduos é comprometida em sua rotina mortífera, exigindo uma atuação com entendimento e constituindo o comportamento *blasé*, sendo este o preservativo da vida subjetiva (Simmel, 1973). Agora apático, o indivíduo aprende a controlar as emoções, a regular a comunicação e a evitar os vínculos profundos, concentrando-se em seu próprio bem-estar⁶. Nota-se aqui um denominador comum entre a cultura do narcisismo e o comportamento *blasé*: a

⁵ O efeito devastador sobre o narcisista patológico manifesta-se na segunda metade de vida, principalmente em uma sociedade que teme a velhice e a morte. O processo de envelhecimento torna-se uma fonte de sofrimento terrível para aqueles que dependem dos outros, cuja manutenção da autoestima exige admiração geralmente atribuída à beleza, à juventude, à celebridade ou ao charme (Lasch, 2023).

⁶ O investimento compulsivo no corpo não é motivado pelo cuidado ou pela atenção; pelo contrário, o corpo é compreendido como um objeto submisso ao sistema capitalista, que molda a sociedade de consumo, configurando a violência perpetrada contra o indivíduo moderno, que se esforça em mitigar os efeitos dessa violência (Freire-Costa, 1986).



progressiva perda da capacidade de se afetar e de se indignar, deixando apenas a contemplação passiva como resposta aos problemas da vida pública (Wanderley, 1999).

A vida cotidiana começou a se moldar pelas estratégias de sobrevivência impostas àqueles expostos a adversidades extremas. Apatia seletiva, desligamento emocional dos outros, renúncia ao passado e ao futuro, uma determinação em viver um dia de cada vez – essas técnicas de autogerenciamento emocional, que são levadas a extremos em condições extremas, agora, em formas mais moderadas, passaram a moldar a vida das pessoas comuns nas condições ordinárias [...] (Lasch, 1984, p. 58).

Dissertando sobre a cultura do narcisismo na sociedade estadunidense, Christopher Lasch, um dos críticos mais incisivos das sociedades industriais modernas, observa os traços narcísicos aflorados como uma defesa contra as tensões e as ansiedades da vida moderna, afirmando que “[...] as condições sociais predominantes tendem a despertar traços narcísicos que estão presentes, em grau variável, em todos nós” (Lasch, 2023, p. 115). Freire-Costa (1986, p. 169) incorpora a violência cotidiana que o indivíduo moderno sofre como a responsável “[...] que explica seu narcisismo e as aparências ‘patológicas’ que ele assume”. Nesse sentido, a cultura do narcisismo atua como uma peça perfeita na dinâmica capitalista da civilização ocidental, promovendo o individualismo como ideal e a indiferença ao entorno – coisas, pessoas e acontecimentos – como uma característica naturalizada.

A lógica do mercado de bens e a dos meios de comunicação dispersam os indivíduos, destroem os padrões de sociabilidade e instigam cada um a se descomprometer e a se afastar dos outros, a se esconder, a se concentrar apenas em si mesmo, a relaxar e desfrutar, a viajar sem objetivo, a praticar esportes compulsivamente, a frequentar todos os locais onde tocam músicas frenéticas, a buscar afeto sem se comprometer, enfim, a consumir o que quer que seja, gradualmente desligando-se de suas referências culturais, sociais e políticas (González Duro, 1992/93, p. 2, tradução minha).

Apropriando-se da ideia de Wirth (1973), as cidades grandes ocidentais possuem a capacidade de moldar o caráter da vida social ao seu conteúdo especificamente urbano. “[...] o mundo se cria e se recria a partir das relações que o

homem mantém com a natureza e da maneira como ele se constrói enquanto indivíduo” (Carlos, 2005, p. 28). Provocando uma reflexão sobre a sociedade urbana-industrial, Carlos (2005) descreve o cotidiano da metrópole impregnado por ideias como a separação entre sociedade e natureza, o exacerbamento do individualismo e a fragmentação das relações interpessoais. Essas ideias culminam na cultura do narcisismo, que atravessa as sociedades do consumo⁷ e do espetáculo, consolidando a noção de que cada sociedade reproduz sua cultura no indivíduo, moldando sua personalidade. “Toda cultura imprime, pela socialização, certos traços de conduta e aspirações entre seus membros” (Freire-Costa, 1986, p. 148).

O GRANDE GATSBY (1925)

*Década de decadência, desrespeito
doentio, irreverência*
(Jay-Z, 2013, tradução minha)

F. Scott Fitzgerald, membro de uma geração de escritores desencantados, criticava “[...] a futilidade da sociedade de consumo, as atitudes repressivas do Estado e das corporações e as francas limitações à liberdade individual e aos direitos sociais no país” (Karnal, 2007, p. 202). Em *O grande Gatsby*, o escritor retrata a efervescência cultural da década de 1920, marcada por um estilo de vida vibrante conhecido como a Era do Jazz, especialmente entre os nova-iorquinos. Desafiando as normas sociais, como a Lei Seca⁸, os anos vinte testemunharam uma cultura de indulgência, despreocupação e irresponsabilidade, contribuindo para o aumento do tráfico de

⁷ O consumo como estilo de vida passou a ser considerado uma estratégia para mitigar o descontentamento gerado pela industrialização, transformando o trabalhador em consumidor de mercadorias, que foi rapidamente sucedido pelo consumidor de terapias, destinadas a facilitar sua ‘adaptação’ à realidade da vida industrial (Lasch, 1984).

⁸ “O movimento antialcoólico convenceu o governo federal a proibir por lei, em 1920, a fabricação e venda de álcool (a proibição durou 12 anos), o que acabou fortalecendo o crime organizado e dando origem a um próspero mercado negro” (Karnal, 2007, p. 203).



bebidas e para o rápido enriquecimento ilegal de muitos empresários estadunidenses, incluindo o protagonista do romance: Jay Gatsby.

Após seu envolvimento na Grande Guerra, Gatsby, de origem humilde, alcança ascensão social e econômica em apenas cinco anos, personificando a realização do *american dream*⁹. Essa ascensão socioeconômica é motivada pelo desejo de reconquistar Daisy, que está casada com Tom Buchanan, membro de uma família tradicionalmente rica. A narrativa, guiada pelo personagem observador Nick Carraway – primo distante de Daisy – que se considerava uma das poucas pessoas honestas que conheceu, mostra um jovem seduzido pelo mercado de ações que aos poucos abandona sua paixão pela escrita. Ao se instalar em um modesto casebre ao lado da extravagante mansão de Gatsby, Nick assistia aos excessos de consumo de álcool nas luxuosas festas que ali ocorriam regularmente, tornando-se um participante ativo do plano de reconquista de Gatsby.

Explorando as relações entre os personagens mencionados, a narrativa revela as disparidades sociais de Nova Iorque em *Long Island*, contrastando *West Egg*, lar dos novos-ricos, e *East Egg*, lar dos tradicionalmente ricos. Desempenhando um papel de apoio na relação romântica entre Gatsby e Daisy, Nick descreve minuciosamente a persistência e a esperança de Gatsby diante dos obstáculos daquele sonho do qual ele não conseguia despertar, correspondendo a uma busca obsessiva e autodestrutiva. Assim, Fitzgerald (2013) retrata os valores culturais dos nova-iorquinos nos anos vinte, os quais podem ser entrelaçados com as discussões sobre a cidade moderna e a cultura do narcisismo apresentadas anteriormente.

O espírito da metrópole de Nova Iorque

⁹ Em tradução, o *sonho americano* corresponde à ideia dos Estados Unidos da América como um país de possibilidade e de esperança, abrangendo o desejo de mobilidade social, os ideais de liberdade e uma sociedade menos hierárquica (Goldblatt, 2015).



Vindo da Costa Oeste, Nick, veterano da Primeira Guerra Mundial e graduado pela Universidade de New Haven em 1915, onde conheceu Tom, decidiu migrar para Nova Iorque na primavera de 1922. Sua decisão foi motivada pela insatisfação com o Centro-Oeste, que ele descrevia como “[...] a beira esfarrapada do universo [...]” (Fitzgerald, 2013, p. 15). Determinado a ingressar no mercado de ações, Nick acreditava que a mudança seria definitiva, pois todas as pessoas que ele conhecia estavam trabalhando no ramo. Ele julgava que o mercado de ações seria capaz de sustentar mais um jovem solteiro. A perspectiva de Nick, um indivíduo superestimulado pela metrópole, conduz esta análise que revela progressivamente o afastamento do ser humano da natureza orgânica no contexto urbano-industrial da cidade grande.

Ao se instalar na porção ocidental de *Long Island, West Egg*, Nick percebia que havia alugado um casebre em uma das comunidades mais peculiares da América do Norte. À sua direita, erguia-se a imponente mansão de Gatsby, “[...] com uma torre em um dos lados novíssima sob a barba fina de uma hera incipiente, uma piscina de mármore e mais de vinte hectares de gramado e jardins” (Fitzgerald, 2013, p. 17). Entretanto, apesar da grandiosidade, *West Egg* não ostentava o mesmo *glamour* de *East Egg*, expressando contrastes que iam além das meras disparidades socioeconômicas. A respeito dos contrastes das comunidades urbanas, Wirth (1973) amplia a interpretação do romance ao demonstrar como a população urbana é estratificada e distribuída em locais mais ou menos distintos, levando em consideração uma multiplicidade de fatores, como o tipo e a localização do trabalho, nível de renda, características raciais e étnicas, *status* social, costumes, hábitos, gostos, preferências e preconceitos.

Foi simplesmente obra do acaso eu ter alugado uma casa em uma das comunidades mais estranhas da América do norte. Ficava naquela ilha estreita e barulhenta que se estende exatamente a leste de Nova Iorque e na qual existem, entre outras curiosidades da natureza, duas formações geológicas bastante incomuns. A uns trinta quilômetros da cidade, ergue-se um par de



enormes ovos, idênticos no contorno e separados somente por uma baía estreita, que se projetam para o alto junto à extensão de água salgada mais mansa e tranquila do hemisfério ocidental, o grande quintal úmido conhecido como Estuário de Long Island. Não são perfeitamente ovais: do mesmo modo que o ovo da história de Colombo, os dois são achatados na base, mas a semelhança com ovos de verdade deve ser motivo de perpetua confusão para as gaivotas que os sobrevoam. Para nós, os desprovidos de asas, um fenômeno mais surpreendente é a falta de semelhança em todos os aspectos, salvo no formato e no tamanho (Fitzgerald, 2013, p. 16-17, grifo meu).

Na porção oriental da ilha, *East Egg*, destacavam-se os majestosos palacetes brancos e a mansão colonial ao estilo georgiano pertencente aos Buchanan, que se erguiam grandiosamente para a baía. Com um gramado adornado com relógios de sol, muros baixos e jardins floridos, que se estendiam desde a praia por cerca de 400 metros até a entrada principal, Nick ficou atônito diante da ostentação de riqueza exibida pelos homens de sua geração. Na cultura do narcisismo, “nada é mais bem-sucedido que a aparência de sucesso” (Lasch, 2023, p. 127). Além de *Long Island*, o vale das cinzas, uma localização precária completamente contrastante com *West Egg* e *East Egg*, fazia parte da experiência de Nick em Nova Iorque, uma cidade que se revelava como “[...] um mosaico de mundos sociais nos quais é abrupta a transcrição de um para o outro” (Wirth, 1973, p. 103).

Mais ou menos na metade do caminho entre *West Egg* e Nova Iorque, a estrada se une abruptamente à linha férrea e corre ao longo dela por uns quatrocentos metros, de modo a afastar-se de uma certa área desolada. Trata-se de um vale de cinzas – uma fazenda fantástica, em que as cinzas crescem como trigo em sulcos, colinas e jardins grotescos; em que as cinzas assumem a forma de casas e chaminés por onde sobe a fumaça; e onde, finalmente, em um esforço transcendental, tomam o aspecto de homens cinzentos que se movem opacamente, como se até mesmo eles se desmanchassem através do ar empoeirado (Fitzgerald, 2013, p. 35).

Na década de 1920, Nova Iorque exercia uma fascinação que rivalizava com outras grandes metrópoles, tornando-se uma daquelas cidades raras e inesquecíveis onde se sentia pulsar o coração do mundo, ao mesmo tempo encantando e repelindo por sua inesgotável variedade de vida. Wirth (1973) menciona a heterogeneidade das grandes cidades, que atraem povos de diversas origens étnicas e culturais, cada uma



trazendo consigo seus modos de vida altamente diferenciados. Essa diversidade étnico-cultural enriquece o cosmopolitismo dos cidadãos modernos, caracterizando-os como dessemelhantes aos seus concidadãos. “Comecei a gostar de Nova Iorque, da energia aventureira da noite e da satisfação que a constante passagem dos homens, mulheres e veículos dá aos olhares inquietos” (Fitzgerald, 2013, p. 70).

Ciente de que não estava sozinho nessa metrópole encantada, Nick descrevia as sensações de solidão assombrosa que experimentava e que outros também compartilhavam: “[...] jovens balconistas pobres, que gastavam o tempo em frente às vitrines esperando a hora de um jantar solitário em qualquer restaurante; jovens funcionários de escritório perdidos no lusco-fusco, desperdiçando os momentos mais pungentes de suas vidas nas noites vazias” (Fitzgerald, 2013, p. 70). Nas cidades grandes, os contatos físicos são próximos, mas os contatos sociais são distantes, produzindo necessariamente uma “[...] mudança nos meios através dos quais nos orientamos em relação ao meio urbano, especialmente em relação aos nossos concidadãos” (Wirth, 1973, p. 103). Sem outras oportunidades de compensação, a solidão torna-se inevitável (Simmel, 1973).

O retrato de família dos Buchanan

Ao visitar seus antigos amigos em *East Egg* na primavera de 1922, Nick percebeu que Tom, um dos melhores pontas defensivos do futebol americano na Universidade de New Haven, não se contentaria com aquela vida e apresentaria um comportamento irrefreável, “[...] pela turbulência dramática de alguma partida de futebol irrecoverável [...]” (Fitzgerald, 2013, p. 18). Embora nunca tivessem mantido uma proximidade íntima, Nick acreditava que Tom, com sua natureza ávida e provocativa, sempre quis sua aprovação. A imagem idealizada de Tom transmitia uma aura glamorosa e autoconfiante, mas escondia, na realidade, a superficialidade



emocional, uma percepção distorcida de si mesmo e uma propensão à promiscuidade sexual (Lasch, 2023).

Ele mudara desde os anos da New Haven. Agora era um homem robusto de trinta anos, com cabelos cor de palha, uma boca de expressão dura e um ar de superioridade. Dois olhos luminosos e arrogantes dominavam seu rosto e lhe emprestavam uma aparência agressiva, como se sempre inclinasse para a frente. Nem mesmo o luxo afeminado da roupa de montaria ocultava a força e a energia daquele corpo: ele parecia encher aquelas botas lustrosas até forçar o laço dos cadarços e, por baixo do fino casaco, podia-se ver a grande massa muscular quando os ombros se moviam. Era um corpo capaz de enorme esforço físico – um corpo cruel (Fitzgerald, 2013, p. 19, grifo meu).

Ao transitar pela mansão dos Buchanan, Nick se viu em uma sala com sua prima Daisy e uma mulher mais jovem, Jordan Baker, uma notável golfista profissional. A formalidade da apresentação de Jordan só ocorreu ao término daquela visita, que foi marcada por diálogos fragmentados e pela presença de uma *quinta convidada*. Na recepção artificialmente calorosa, Daisy, que não via seu primo há anos, demonstrou maior interesse em saber como as pessoas em Chicago reagiram à sua mudança para Nova Iorque e se sentiam sua falta. Nick, por sua vez, se apresentou como morador de *West Egg* e, embora tenha sido desconsiderado por Tom, que menosprezava os moradores de lá, provocou uma reação de Jordan ao indagar se ela já havia conhecido alguém de *West Egg*... alguém chamado Gatsby, nome que fez Daisy estremecer instantaneamente.

Seu rosto [Daisy] era triste e adorável, cheio de detalhes intensos, como olhos vivos e uma boca apaixonada. E *havia uma sensualidade em sua voz* que os homens que haviam se interessado por ela dificilmente esqueciam: uma compulsão melódica, um ‘Escute’ sussurrado, e uma *insinuação de que ela tinha feito coisas divertidas e excitantes até minutos antes e uma promessa de que haveria coisas ainda mais divertidas e excitantes na próxima hora* (Fitzgerald, 2013, p. 21, grifo meu).

Após o anúncio do jantar, todos se assentaram à mesa, onde as conversas se sobrepunham, dificultando a definição de um tema que permitisse a participação efetiva de todos. Entre os assuntos abordados, destacou-se a preocupação narcísica compartilhada por Tom, intensificada pela leitura de *A ascensão dos impérios de cor*, de



Goddard, que o levou a ser tornar um pessimista. Tom compartilhava o conteúdo da leitura, argumentando que a civilização estava em declínio, pois as raças não-brancas poderiam eventualmente assumir o controle. “Por algum motivo, ele estava se aproximando de ideias ultrapassadas, como se a vaidade física não conseguisse mais nutrir seu coração arrogante” (Fitzgerald, 2013, p. 33). Karnal (2007) sinaliza que o antissemitismo e a pseudociência da eugenia infiltraram-se na cultura popular e oficial dos Estados Unidos da América no início do século XX.

Às vezes ela e a srta. Baker falavam ao mesmo tempo, sem atrapalhar uma à outra e com uma volubilidade divertida que nunca chegava a uma tagarelice, tão *blasées* como seus vestidos brancos e seus olhos impessoais desprovidos de qualquer desejo. Estavam as duas ali, e aceitavam a Tom e a mim fazendo apenas o mais leve esforço educado para entreter ou serem entretidas. Sabiam que logo o jantar acabaria e que depois a noite também terminaria, e naturalmente seria descartada sem maiores preocupações (Fitzgerald, 2013, p. 24).

Durante o jantar, o telefone dos Buchanan tocou duas vezes, anunciando a chegada da *quinta convidada*, o que impediu qualquer tentativa de conversa à mesa. Embora tentassem ignorar a situação, todos, exceto Nick, estavam cientes do motivo da interrupção. Enquanto Tom e Daisy atenderam ao telefone, Jordan confidenciou a Nick que “[...] Tom arranhou alguma mulher em Nova Iorque” (Fitzgerald, 2013, p. 27). Para Nick, que conhecia Tom desde os tempos da Universidade de New Haven, foi mais surpreendente vê-lo deprimido com a leitura de um livro do que saber sobre sua amante.

Enquanto Jordan mantinha Tom ocupado na biblioteca da mansão, Daisy permaneceu com Nick na área externa e revelou ao primo que estava “[...] cética a respeito de tudo” (Fitzgerald, 2013, p. 29). Antes de se abrir, Daisy exibiu seu egocentrismo ao questionar Nick sobre sua ausência no seu casamento em Louisville, sendo lembrada por ele de que ainda não havia retornado da Grande Guerra. Embora Nick não tivesse sido apresentado à filha de três anos dos Buchanan, Pammy, Daisy compartilhou detalhes do dia do seu nascimento, que estava impregnado de ceticismo

em relação à vida e ao mundo. Ela afirmou já ter vivido todas as experiências possíveis¹⁰. As confissões dos Buchanan mostram “[...] a incapacidade narcísica de se identificar com a posteridade ou sentir-se parte do fluxo histórico” (Lasch, 2023, p. 116).

Bem, ela ainda não tinha uma hora de vida e só Deus sabe onde Tom estava. Acordei quando o efeito do éter passou me sentindo abandonada e perguntei à enfermeira se era menino ou menina. Ela disse que era uma menina e então virei meu rosto para o outro lado e chorei. ‘Tudo bem’, eu disse, ‘estou contente por ser uma menina. *Espero que seja uma menina boba: é a melhor coisa que pode acontecer a uma menina neste mundo, ser uma linda bobinha*’. Você vê como eu tenho uma visão terrível de tudo – prosseguiu, convicta. – Todos pensam assim, pelo menos as pessoas mais perspicazes. E eu sei. Já estive em toda parte, já vi de tudo e já fiz tudo (Fitzgerald, 2013, p. 29, grifo meu).

Ao deixar a mansão dos Buchanan, Nick foi surpreendido pelo grito enfático de Daisy, que percebeu ter esquecido de perguntar sobre a veracidade dos rumores que o ligavam ao noivado com uma garota do Oeste. Embora os Buchanan demonstrassem interesse por Nick, esse interesse se limitava a fofocas, e só após o término da socialização. Com isso, Nick passou a perceber os Buchanan como menos ricos e mais calorosos, mais animados uns com os outros. “O interesse deles me comoveu e fez que eles parecessem menos ricos. Não obstante, eu me sentia confuso e um pouco aborrecido enquanto dirigia para casa” (Fitzgerald, 2013, p. 32). Os Buchanan podem ser compreendidos pelo sentimento de indiferença e pelo comportamento *blasé*, reflexo de uma economia monetária onde o dinheiro tem o poder de igualar o valor de todas as coisas, tornando-as igualmente insatisfatórias ou desinteressantes (Simmel, 1973).

Numa tarde de domingo, Tom, com sua arrogância característica, presumiu que Nick não teria nada melhor para fazer e insistiu em levá-lo a Nova Iorque de trem para apresentá-lo à sua amante, Myrtle, casada com o mecânico George Wilson, que

¹⁰ O comportamento narcísico reflete um balanço no qual os ganhos materiais compensam as perdas culturais nas sociedades industriais, resultando em uma falta de preocupação com o futuro, precisamente porque o passado não é, nem nunca foi, atrativo (Lasch, 1984).

trabalhava em sua oficina no vale das cinzas. “Ela devia estar pela metade dos trinta, era meio robusta, mas movimentava aquele excesso com a sensualidade que somente algumas mulheres conseguem” (Fitzgerald, 2013, p. 38). Após uma apresentação desinteressante entre os dois, Tom pediu a Myrtle que pegasse o próximo trem para seu apartamento. Esse enfraquecimento dos laços sociais, incluindo os familiares, reflete uma defesa narcísica contra a dependência, caracterizando a suposta liberdade da cultura do narcisismo (Lasch, 2023).

A caminho, Myrtle sugeriu a Tom que comprasse um cachorro, alegando que todo apartamento deveria ter um. Esse episódio evidencia a experiência de consumo vinculada ao fetichismo dos bens, onde um ser vivo é tratado como mero objeto decorativo (Jappe, 2020). No apartamento da rua 158, Nick permaneceu sozinho enquanto o casal de amantes *se atualizava*, até a chegada dos vizinhos McKee e da irmã de Myrtle, Catherine. Cogitando em ir embora, foi impedido pelos convidados que chegaram, iniciando o subsequente entorpecimento alcoólico, marcando aquele dia como o segundo em que ele experimentava embriaguez.

Não demorou muito para que a ocasião se deteriorasse por si mesma. Nick percebeu que a intensa vitalidade de Myrtle estava se transformando em uma arrogância extraordinária, equiparando-se à de Tom. Durante uma conversa em que Myrtle falava sobre como conheceu Tom, sua irmã, Catherine, sussurrou em seu ouvido, revelando que nenhum dos dois suportava seus cônjuges. Mais tarde, por volta da meia-noite, Myrtle gritou o nome de Daisy em uma discussão acalorada, provocando uma reação hipócrita de Tom, que se sentiu legitimamente ofendido por permitir que o nome de sua esposa fosse pronunciado por sua amante. E então, “com um curto e ágil movimento, Tom Buchanan quebrou-lhe o nariz com a mão aberta” (Fitzgerald, 2013, p. 49).

A fantasia de Jay Gatsby



Após cinco anos de distância, Jay Gatsby, um veterano da Primeira Guerra Mundial cujo enriquecimento veio de práticas ilícitas relacionadas ao comércio de álcool, nunca pareceu superar sua obsessão por Daisy; “[...] a primeira ‘moça direita’ que ele conheceu” (Fitzgerald, 2013, p. 168). Desde o momento em que se encontraram em Louisville enquanto ele servia no quartel do *Camp Taylor*, eles desenvolveram uma relação rápida e intensa, marcada por uma significativa dependência emocional. Essa relação foi rompida por Daisy quando, sob a influência de sua mãe, que a impediu de encontrá-lo quando ele foi convocado para o serviço militar, casou-se em 1919 com Tom Buchanan.

Ao regressar a Nova Iorque, Gatsby, após coletar publicações de jornais e de revistas sobre Daisy, soubera que ela se casara com Tom e residia em *East Egg*. Deliberadamente, adquiriu uma mansão em *West Egg*, cuja localização lhe proporcionava uma vista direta da residência dos Buchanan, do outro lado da baía. Imerso em uma obsessão inebriante que preenchia seu vazio existencial, ele planejava reconquistar Daisy, criando uma estratégia que envolvia festas excêntricas amplamente divulgadas. Realizadas em sua mansão pelo menos a cada quinze dias, essas festas atraíam convidados socialmente relevantes, muitas vezes desconhecidos entre si.

Por volta das 19 horas, os músicos chegavam – não era um simples quinteto, mas um fundo de orquestra completo, com oboés, trombones, saxofones, violas, pistons, flautins e tambores. Os últimos nadadores já haviam subido da praia e estavam em seus quartos vestindo-se para a ocasião; os carros vindos de Nova Iorque ocupam cinco fileiras no estacionamento, e os corredores, salões e varandas gritam com cores primárias; os cabelos surgem com penteados modernos e xales ultrapassam os sonhos de Castela. O bar está em pleno funcionamento e bandejas de coquetéis flutuam pelos jardins, até que o ar fica cheio de conversas e risos, apresentações casuais, tentativas de sedução que são logo esquecidas, além de encontros entusiásticos entre mulheres que nunca souberam o nome umas das outras (Fitzgerald, 2013, p. 52).

Essas festividades organizadas por Gatsby não apenas manifestavam sua intenção de impressionar Daisy, mas também marcavam tipicamente a Era do Jazz, indicando a quebra das convenções sociais e a erosão de valores fundamentais que antes sustentavam a moralidade da vida em sociedade, como disciplina, dignidade, responsabilidade e autocontrole. “[...] todos se comportavam conforme as regras de um parque de diversões” (Fitzgerald, 2013, p. 53). Impregnada de autoindulgência e de excentricidade, a atmosfera na mansão conduzia os convidados aos relacionamentos efêmeros e à busca incessante pelos prazeres, encapsulando a cultura do narcisismo da década de 1920 (Lasch, 2023).

Olhei ao redor. A maioria das mulheres que ainda estavam na festa discutia com homens que diziam ser seus maridos [...] Um dos homens conversava, curiosa e intensamente, com uma jovem atriz; e a esposa, depois de tentar rir da situação de modo digno e indiferente, entrou em surto e recorreu a ataques de flanco: a intervalos regulares, ela aparecia subitamente a seu lado como um diamante enfurecido; e sibilava a seu ouvido: ‘Você prometeu!’ (Fitzgerald, 2013, p. 64).

Como um dos poucos convidados formais de Gatsby, Nick percebeu que sua presença em uma das festas na mansão o colocava em meio a um turbilhão de pessoas desconhecidas. Ao encontrar Jordan, amiga de Daisy, ambos procuraram pelo anfitrião, cuja verdadeira identidade era desconhecida para muitos. Nick apreciava a companhia de Jordan – ciente de sua fama como campeã de golfe – e notou que seu “[...] rosto aborrecido e desdenhoso que ela mostrava ao mundo escondia alguma coisa [...]” (Fitzgerald, 2013, p. 70-71). Embora lembrasse de uma fofoca sobre a conduta desonesta de Jordan em um torneio de golfe, Nick não se importou muito, acreditando que a “desonestidade em uma mulher é coisa que nunca se condena profundamente” (Fitzgerald, 2013, p. 71).

Jordan Baker instintivamente evitava homens espertos e argutos, e agora eu percebia que assim ela se sentia segura em um plano no qual qualquer desvio de norma seria inconcebível. *Ela era uma desonesta incurável.* Não suportava sentir-se em desvantagem e suponho que havia iniciado seus subterfúgios ainda bem jovem, a fim de manter aquele sorriso frio e insolente voltado para



o mundo e, ao mesmo tempo, satisfazer as exigências de seu corpo forte e elegante (Fitzgerald, 2013, p. 71, *grifo meu*).

Enquanto Jordan desfrutava das grandes festas que proporcionavam uma sensação de intimidade, Nick, já não tão sóbrio, tentava se adaptar àquela atmosfera. Em determinado momento, Gatsby se aproximou de Nick, sem formalidades, comentando sobre o quão familiar era seu rosto e questionando sobre sua participação na Primeira Divisão durante a Primeira Guerra Mundial. Após a apresentação formal, Nick ficou incrédulo ao perceber que sua idealização havia sido contrariada, pois o imaginava como um homem de meia-idade, corpulento e de rosto avermelhado.

Era um desses raros sorrisos que transmitem um conforto eterno, desses que só se encontra umas quatro ou cinco vezes na vida. Encarava (ou parecia encarar) a totalidade do mundo em único instante e então se concentrava em você, derramando uma simpatia irresistível. Era um sorriso que o compreendia até o ponto em que você queria ser compreendido, acreditava em você como gostaria de acreditar em si mesmo e lhe garantia que você havia transmitido a impressão mais favorável possível a seu respeito. E, exatamente nesse momento, ele se desvaneceu. Subitamente, eu estava olhando para um fanfarrão jovem e elegante, um ou dois anos acima dos trinta, cuja elaborada formalidade de discurso por um triz não raiava ao absurdo. Justamente alguns minutos antes que ele se apresentasse, eu tivera uma forte impressão de que escolhia as palavras com todo o cuidado (Fitzgerald, 2013, p. 61).

Nick percebeu o comportamento meticulosamente polido de Gatsby, notando também uma inquietude subjacente; “[...] sempre havia um pé batendo ritmadamente em alguma coisa ou uma mão que se abria e fechava com impaciência e sem parar” (Fitzgerald, 2013, p. 76). Para apresentar sua história de forma definitiva e evitar ser visto como insignificante, ele criou uma autobiografia fictícia para ocultar sua fortuna ilícita e dissimular sua origem humilde, que, ao contrário, não lhe traria benefícios sociais. “Sou filho de uma família rica do Centro-Oeste, *mas infelizmente já morreram todos*. Fui criado nos Estados Unidos, mas educado em Oxford, porque todos os meus ancestrais frequentam aquela universidade há muitos anos. É tradição da família” (Fitzgerald, 2013, p. 77, *grifo meu*).



Desejando que Nick intermediasse seu reencontro com Daisy, Gatsby solicitou que a convidasse para um chá em seu casebre, com a condição de que Tom não estivesse presente e que ela não soubesse de sua presença. Concordando, Nick teve sua residência e seu jardim completamente modificados para aquele chá da tarde, recebendo um arranjo floral completo. Quando se encontraram, Gatsby e Daisy não se familiarizaram imediatamente, criando uma tensão entre eles que levou Nick a sair do casebre para permitir que interagissem livremente. Ao retornar, percebeu uma intensa conexão entre ambos, como se reacendendo uma antiga chama. Gatsby sugeriu levá-los à sua mansão para impressionar Daisy, o que ocorreu exatamente como ele imaginara.

- É aquele lugar imenso lá adiante? Ela gritou, apontando.
- Gosta?
- Adoro, mas não sei como você consegue morar sozinho lá.
- *Mantenho a casa sempre cheia de gente interessante, noite e dia. Pessoas que fazem coisas interessantes. Gente famosa* (Fitzgerald, 2013, p. 105, grifo meu).

Após o término do reencontro, Nick identificou uma expressão de perplexidade em Gatsby. Era como se aquela tarde, esperada por cinco anos de devoção inabalável por Daisy, não correspondesse às suas expectativas mais íntimas – “[...] não por culpa dela, mas devido à colossal força de sua ilusão, que havia crescido e se tornado maior do que ela, maior do que qualquer coisa [...]” (Fitzgerald, 2013, p. 110). No entanto, mesmo mantendo um relacionamento extraconjugal com Daisy, enquanto Tom mantinha um caso com Myrtle, Gatsby persistia em alimentar a ilusão de tê-la como companheira de vida, reiterando seu desejo de repetir o passado. Para Gatsby, sua vida representava o *american way of life*¹¹ e Daisy era seu *american dream*.

¹¹ Em tradução, o *jeito americano de viver* refere-se ao modo de vida associado aos valores, costumes e padrões culturais dos Estados Unidos da América, que incluem o individualismo, o consumismo e a busca pela felicidade (Karnal, 2007).



Desorganização psicossocial na comunidade urbana

A presença de Gatsby foi naturalizada no círculo social dos Buchanan, porém Tom começou a vê-lo com desconfiança, decidindo investigar o passado daquele que morava em *West Egg*. Em um dos últimos dias daquele verão, Gatsby e Nick, a convite de Daisy, compareceram à mansão dos Buchanan para um almoço, juntamente com Tom e Jordan. Reunidos em um dia extremamente quente, uma tensão prestes a explodir rapidamente se instalou no ambiente. O tratamento de Daisy para com Gatsby e o diálogo entre eles chamaram a atenção de Tom, que logo percebeu que Daisy o amava. Frisa-se que cada homem vê Daisy como posse: para Tom, ela é um objeto, enquanto para Gatsby, ela é um ideal a ser alcançado¹² (Callahan, 1996).

Aproveitando a proposta de Daisy, todos seguiram para a cidade em direção ao Hotel Plaza no Central Park. Enquanto Gatsby conduzia o cupê azul de Tom, acompanhado de Daisy, este assumiu o controle do veículo amarelo do rival, levando consigo Nick e Jordan, com quem compartilhou ter feito uma investigação do passado de Gatsby. Ao longo do caminho, Tom atravessou o vale das cinzas e parou o veículo na oficina de George Wilson para abastecer o tanque. Em um breve diálogo com Wilson, que estava visivelmente transtornado após descobrir o *affair* de Myrtle, Tom soube que Wilson planejava forçá-la a deixar a cidade rumo ao Oeste, o que o pegou de surpresa, percebendo que “a esposa e a amante, ainda uma hora antes seguras e invioladas, deslizavam precipitadamente para fora de seu controle” (Fitzgerald, 2013, p. 144).

Lancei os olhos primeiro para ele e depois para Tom, que tinha feito uma descoberta paralela, pouco antes. E me ocorreu que, no fundo, *entre os homens*

¹² “Outra coisa que o excitava era o fato de tantos outros homens já terem se apaixonado por Daisy. Isso só aumentava o valor dela perante seus olhos” (Fitzgerald, 2013, p. 169).



em geral não havia uma diferença tão profunda, seja em inteligência, seja em raça, quanto à diferença entre os doentes e os sadios (Fitzgerald, 2013, p. 143, grifo meu).

No Hotel Plaza, Tom confrontou Gatsby publicamente, ocultando a disputa *pelo amor* – ou posse – de Daisy e alimentando a ilusão de uma onipotência narcísica infantil, base do individualismo competitivo (Jappe, 2020). Suas provocações despertaram a ansiedade do rival, que, inquieto, repetia gestos nervosos. O discurso puritano adotado por Tom soava irônico aos ouvidos de Nick, que o via como um libertino. Além disso, ele abraçava sentimentos racistas contra estrangeiros e seus descendentes, ideias que fermentavam na população branca dos Estados Unidos da América há décadas, “[...] em grande parte como uma resposta aos problemas sociais – pobreza, doenças, conflito de classe [...]”, e que estão atravessadas pela concepção *freudiana* do narcisismo das pequenas diferenças¹³ (Karnal, 2007, p. 201).

[...] Suponho que a última moda seja ficar sentado e permitir que o sr. Ninguém que veio de Parte Alguma faça amor com minha esposa. Bem, se a ideia é essa, podem ter certeza de que não vou concordar. Sei muito bem que as pessoas hoje estão fazendo troça da vida em família e das instituições familiares. *A próxima coisa que vão fazer é jogar tudo para o alto e permitir o casamento de negros com brancos* (Fitzgerald, 2013, p. 149, grifo meu).

O discurso de Tom provocou uma reação explosiva de Gatsby, que afirmava que Daisy nunca o amara verdadeiramente, exceto a ele mesmo. Na esperança de validar sua afirmação, Tom a colocou em uma posição delicada, frustrando expectativas. Ao ouvi-la admitir que, em algum momento, amou o marido, mas simultaneamente nutria sentimentos pelo amante, este sentiu suas palavras como violência. Transcorrida aquela acalorada reunião no Hotel Plaza, Tom percebeu que ainda mantinha influência sobre a esposa e que ela estava reconsiderando seus planos; a revelação do enriquecimento ilícito foi um fator determinante para sua atitude, pois

¹³ Freud (2011) propõe o *narcisismo das pequenas diferenças* para se referir à tendência de pessoas semelhantes se diferenciarem e hostilizarem aqueles que não pertencem ao seu grupo cultural, o que, por sua vez, explica fenômenos sociais como o machismo, o racismo e o elitismo, personificados em Tom Buchanan.

significava que a fortuna do rival era instável e incerta, enquanto a sua, proveniente de uma linhagem tradicionalmente rica, era estável.

Ao regressar a *Long Island*, Daisy assumiu o volante do veículo amarelo, com Gatsby como passageiro. Passando pelo vale das cinzas, avistaram Myrtle correndo em sua direção, esperando que fosse Tom para socorrê-la, já que ele estava conduzindo aquele veículo mais cedo. Referido mais tarde como o *carro da morte* pelos noticiários, o veículo atropelou a mulher, resultando em sua morte instantânea. Quando Tom, acompanhado de Nick e Jordan em seu cupê azul, passou pelo local e percebeu a multidão na oficina de Wilson, logo se inteirou do trágico acidente. Ele presumiu que Gatsby estivesse ao volante, e não Daisy. Este detalhe, revelado a Nick por Gatsby, nunca chegaria à opinião pública.

Nick já se encontrava esgotado daquele círculo social ao final daquele fatídico dia, que também marcava seu trigésimo aniversário, completamente esquecido por aqueles ao seu redor e quase esquecido por ele mesmo. Mesmo com o acidente vitimando Myrtle, Gatsby demonstrava preocupação apenas com Daisy, mantendo a esperança de que fossem destinados um ao outro e de que pudessem repetir o passado. Recolhidos em sua mansão, ela e Tom não exibiam nem felicidade nem tristeza em relação aos últimos acontecimentos, limitando-se a racionalizar o acidente e a planejar seus próximos passos. Para Wirth (1973), a indiferença e o ar *blasé* são traços recorrentes das relações sociais nas cidades grandes, características sinalizadas nas atitudes dos personagens de Fitzgerald.

Eles eram gente descuidada, Tom e Daisy. Quebravam e esmagavam coisas e criaturas... e, então, se entrincheiravam atrás de seu dinheiro ou se escondiam por trás de sua vasta falta de cuidado e seja lá o que fosse que os mantinha juntos, enquanto deixavam que outras pessoas limpassem a sujeira que haviam feito... (Fitzgerald, 2013, p. 202).

Por meio de Tom, Wilson descobriu a identidade do proprietário do veículo amarelo que atropelou Myrtle. Em um ato de vingança, dirigiu-se a *West Egg*, onde



disparou contra Gatsby em sua mansão e, em seguida, tirou a própria vida nas dependências da propriedade. Nick revelou-se o único verdadeiramente preocupado com o amigo, contrastando com a indiferença demonstrada por aqueles que frequentavam suas festas e agora o abandonavam. Sua maior decepção recaiu sobre aqueles que considerava próximos: a prima Daisy e Meyer Wolfsheim, mentor responsável pelo enriquecimento de Gatsby. Contudo, duas exceções surgiram: um frequentador assíduo da biblioteca de Gatsby e *seu próprio pai*, Henry C. Gatz, que ainda reconhecia seu filho pelo nome de batismo: James Gatz.

Os noticiários fabricaram uma série de reportagens sensacionalistas que transformaram a tragédia em um grande pesadelo: Gatsby foi rotulado como socialmente indigno, Myrtle como uma mulher fiel ao marido e Wilson como um homem desequilibrado pela tristeza. Tanto a vida pública quanto a vida privada assumiram características de espetáculo (Lasch, 2023). Desiludido com sua permanência em Nova Iorque, Nick decidiu retornar ao Oeste, ansiando por uma sociedade moralmente responsável e por uma ordem social mais estável. Embora Gatsby representasse um “[...] dom extraordinário para a esperança [...]” que ele admirava, também incorporava valores desprezíveis daquela sociedade, gerando uma ambiguidade em relação à sua figura (Fitzgerald, 2013, p. 14).

Quando voltei do leste no outono passado, queria que o mundo estivesse de uniforme e em uma prontidão moral permanente; nada de passeios tumultuados com vislumbres privilegiados ao interior do coração humano. Somente Gatsby, o homem que dá nome a este livro, estava excluído da minha reação – Gatsby, que representava tudo aquilo que mais desprezo (Fitzgerald, 2013, p. 14).



Elaborando sua experiência traumática¹⁴ dois anos após o ocorrido, Nick, que se denominava alguém com pensamento metódico e com freios morais que restringiam seus impulsos, percebeu que a narrativa que ele havia escrito era essencialmente uma história do Oeste: “[...] Tom e Gatsby, Daisy, Jordan e eu, todos tínhamos nascido no Centro-Oeste e talvez possuíssemos alguma deficiência em comum, que nos tornou sutilmente inadaptáveis à vida da Costa Leste” (Fitzgerald, 2013, p. 199). A desorganização pessoal, o esgotamento nervoso, o suicídio, a delinquência, o crime, a corrupção e a desordem são problemas psicossociais que atravessam *O grande Gatsby* e, igualmente, são mencionados por Wirth (1973) como mais prevalentes nas comunidades urbanas do que nas comunidades rurais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adotando a perspectiva da análise social, esta discussão teve como objetivo analisar as representações da cultura do narcisismo no romance *O grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, com foco na construção de um grupo social, uma cidade e uma época: os estadunidenses, Nova Iorque e os anos vinte do século XX. O narcisismo, neste contexto, foi abordado não apenas como uma característica patológica individual, mas como um fenômeno social que reflete escolhas e comportamentos coletivos, os quais se tornaram traços predominantes na civilização ocidental moderna. A sensibilidade e a percepção de Fitzgerald, por sua vez, capturaram com maestria a cultura do narcisismo que permeava o cenário nova-iorquino na década de 1920, revelando a profunda imersão da sociedade da época nesse fenômeno.

Em *O grande Gatsby*, a cultura do narcisismo se manifesta nos propósitos de enriquecimento e prestígio social que levam os personagens a se aprisionarem em

¹⁴ A experiência traumática implica um despreparo do psiquismo que excede as capacidades de compreensão e de controle da situação pelo indivíduo (Freire-Costa, 1986).



ilusões, na tentativa de preencher um profundo vazio existencial. A sociedade urbano-industrial retratada por Fitzgerald, ao incentivar a superação de limites e a crença de que o mundo está à disposição do indivíduo, promove uma mentalidade consumista e narcísica, utilizada como estratégia para amenizar o mal-estar intensificado pelo capitalismo. Ao analisar as representações dessa cultura no romance, fica claro que Fitzgerald não apenas documentou, mas também criticou as repercussões de um sistema socioeconômico que estimula a busca incessante por *status* e validação externa, em detrimento das conexões humanas autênticas.

Ao fim e ao cabo, esta discussão enfatizou os impactos psicossociais do capitalismo sobre os habitantes das grandes cidades, como os estados de desorientação, incerteza e falta de propósito, que resultaram na completa desconexão do indivíduo com o mundo externo. Nas metrópoles, os habitantes, em busca de autopreservação, voltaram-se para si mesmos, tentando encontrar um senso de pertencimento por meio da aquisição de bens e do consumo ostensivo, enquanto as relações sociais se atomizavam sob a influência dos ideais mercadológicos. Essa dinâmica revelou a relação mútua entre narcisismo e capitalismo na civilização ocidental moderna, demonstrando que o indivíduo narcísico é, por excelência, a máxima expressão do capitalismo.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento do curso de Doutorado no programa de pós-graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

REFERÊNCIAS



ANDRADE, Luciana Teixeira de. Literatura e ciências sociais. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, 2000. Disponível em: <https://bitlybr.com/pUu>. Acesso em: 31 dez. 2023.

BARROS, José Costa d'Assunção. As imagens da cidade e os saberes urbanos. **Politeia – História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v. 11, n. 1, p. 187-208, 2013. Disponível em: <https://bitlybr.com/ddf>. Acesso em: 31 dez. 2023.

BRESCIANI, Maria Stella. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). **Revista Brasileira de História**, v. 5, n. 8/9, 1984/1985. Disponível em: <https://bitlybr.com/kQF>. Acesso em: 31 dez. 2023.

CALLAHAN, John F. F. Scott Fitzgerald's evolving american dream: the 'pursuit of happiness' in gatsby, tender is the night, and the last tycoon. **Twentieth Century Literature**, Durham, v. 42, n. 3, p. 374-395, 1996. Disponível em: <https://bitlybr.com/Muhk>. Acesso em: 24 mar. 2024.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

FITZGERALD, Francis Scott. **O grande Gatsby**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

FREIRE-COSTA, Jurandir. **Violência e psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo [1914]. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914-1916]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 12, p. 9-37.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2011.

FUENTES, Carlos. **Geografia do romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

GOLDBLATT, Laura. 'Can't repeat the past?' Gatsby and the american dream at mid-century. **Journal of American Studies**, Cambridge, v. 50, n. 1, p. 105-124, 2015. Disponível em: <https://bitlybr.com/FYHe>. Acesso em: 24 mar. 2024.

GONZÁLEZ DURO, Enrique. El narcisismo social. **Natura Medicatrix**, Barcelona, [s.v.], n. 31, p. 6-10, 1992/93. Disponível em: <https://bitlybr.com/QNec>. Acesso em: 10 mar. 2024.



HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HOLMES, Jeremy. **Narcisismo**. São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.

APPE, Anselm. Fetishism and narcissism - the base of capitalism? **Estudios de Filosofía**, Medelín, [s.v.], n. 62, p. 165-173, 2020. Disponível em: <https://bitlybr.com/KOQz>. Acesso em: 10 mar. 2024.

JAY-Z. **100\$ bill**. Jay-Z. 2013. Spotify. Disponível em: <https://bitlybr.com/TnZ>. Acesso em: 22 jan. 2024.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes. São Paulo: Fósforo, 2023.

LASCH, Christopher. **The minimal self**: psychic survival in troubled times. Nova York: Norton & Company, 1984.

LEITÃO, Lúcia. A cidade de Simmel, a cidade dos homens. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 461-471, 2011. Disponível em: <https://bitlybr.com/JMt>. Acesso em: 31 dez. 2023.

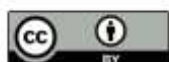
PARK, Robert Erza. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 26-67.

RIBEIRO, Eduardo Jorge. A memória e o futuro: a escrita de F. Scott Fitzgerald e a América dos anos trinta. **Línguas e Literaturas**, Porto, v. 4, [s.n.], p. 151-172, 1987. Disponível em: <https://bitlybr.com/rjNK>. Acesso em: 10 mar. 2024.

RIBEIRO, Eduardo Jorge. Sonhos e desilusões de uma geração perdida: o romance norte-americano de entre as duas guerras. **Humanidades**, Porto, [s.v.], n. 3, p. 88-94, 1983. Disponível em: <https://bitlybr.com/rySq>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SANTOS, Milton. **Manual de geografia urbana**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 11-25.



SOLONAR, Ovidiu. Cultural narcissism and popular culture from the United States to post-communist Romania. **Hermeneia**, Iași, [s.v.], n. 24, p. 63-76, 2020. Disponível em: <https://bitlybr.com/iKjU>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SORBAZO, Oscar. O urbano e o rural em Henri Lefebvre. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 53-64.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

WANDERLEY, Alexandre A. Ribeiro. Narcisismo contemporâneo: uma abordagem laschiana. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 31-47, 1999. Disponível em: <https://bitlybr.com/wHSW>. Acesso em: 10 mar. 2024.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, p. 90-113.

Recebido: 08 de junho de 2024

Aceito: 26 de janeiro de 2025

Publicado: 26 de março de 2025

